

GABINETES, BOTICAS E BIBLIOTECAS

*Ana Luísa Janeira**

RESUMO

Gabinetes (Curiosidades, História Natural) Boticas (Conventos, Universidades) e Bibliotecas (Paços Reais, Academias) são espaços, os primeiros antigos, os segundos modernos, com proximidades – distâncias manifestas entre si. Têm em comum servirem para abrigar a recolha, a reserva, a manutenção e a projecção de um património material e de um legado espiritual. Têm de diferente, o tipo de utilidade operativa que lhes é atribuída. Emergem, porque as configurações epistémicas de onde saem precisam deles, e os vão deixar actuar nos limites do permitido – proibido, onde os conhecimentos dominantes sempre intervêm, num ou noutro caso. Ao longo dos tempos, sofreram mudanças e estas mudanças decorreram de algumas rupturas, até. Também por isso, importa determinar as mudanças epistemológicas que ocorreram entre estes espaços e as suas gentes.

Palavras-chave: gabinetes de curiosidade; mudança epistemológica; história natural.

CABINETS, APOTHECARIES' SHOPS AND LIBRARIES

Cabinets (Curios, Natural History), Apothecaries' Shops (Convents, Universities) and Libraries (Royal Palaces, Academies) are spaces, the former old, the latter modern, with proximity – a clear distance between them.

In common they have the fact that they are used to shelter the collection, the reserve, the maintenance and the projection of a material heritage and a spiritual legacy.

The difference is the type of operational usefulness assigned to them.

* Agregação em Filosofia das Ciências. Professora Associada do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Co-fundadora, primeira coordenadora e, actualmente, investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), Coordenadora, em Portugal, da Red de Intercambios de la Historia y la Epistemologia de las Ciencias Químicas e Biológicas, México, D.C. E-mail: janeira@fc.ul.pt e analuisajaneira@clix.pt

They emerge because the epistemic configurations whence they arise need them, and will let them act within the limits of the allowed-forbidden, where dominant knowledges always intervene in one or the other case. Over time they have undergone changes, and these changes have resulted even from some breaks.

That is another reason why it matters to determine the epistemological changes that have occurred between these spaces and their peoples.

Key words: curio cabinets; epistemological change; natural history.

Que o gesto simbólico de guardar possa ter uma natureza primitiva, a cerâmica pré-histórica está aí para sugerí-lo.

Mas é por demais evidente que o gesto terá tomado contornos, formas e conteúdos bem diversificados, desde esse tempo até à Biblioteca e ao Museu, na Ilha de Faro.

Como também, até às bibliotecas de Cister, Upsala, Escorial, Maфра. Ou ainda às raridades mantidas por papas, reis e príncipes.

O hábito de guardar alimentos e sementes requeria pequenas taças incipientes ou ânforas mediterrânicas pomposas. Mas, a tendência para guardar códices, frascos, alambiques e balanças acabou por determinar a edificação de espaços, caves e sótãos com alguma volumetria.

Ao arrepio da destruição que as cruzadas e as guerras santas provocaram, a Idade Média soube criar mecanismos para enriquecer, por acumulação. À época, houve até quem criasse uma imagem perene – anões aos ombros de gigantes. Por isso, devemos a costumes medievais consagrados a conservação de testemunhos vindos mais de trás, devido às características da actividade intelectual desenvolvida pela elite, monástica e heráldica.

Na verdade, foram dez séculos de trevas sem trevas, onde operaram copistas meticulosos e gente curiosa, somando legados e anexando descobertas.

Apesar de ainda hoje estar longe de ser uma realidade acabada, a identidade inicial do território europeu esteve ligada à capacidade de desenvolver uma consciência orientada para a memória colectiva, através de objectos culturais e suas condições de preservação.

GABINETES DE CURIOSIDADES, BOTICAS E BIBLIOTECAS

Como consequência e por largo tempo, uma mesma configuração epistemológica marcou a estrutura construtiva que distribuíu os recheios de bibliotecas, de gabinetes e até, calcule-se, de boticas. Pelo que a Biblioteca de

la Universidad de Salamanca se aproximava da Botica da Faculté de Médecine de l'Université de Montpellier e do *Wunderkammer* ou do *Kunstkabinett* (*Kunstkamer*) de um qualquer príncipe da Europa Central.

Assim sendo, nota-se que estes espaços correspondem não só a uma visão – do – mundo, ao serviço do modo como a elite o reconstrói dentro das paredes dos seus palácios ou instituições, como aquilo que entende dever ser a matriz maior do conhecimento e o modelo primordial do gosto.

Sendo assim, havia um substrato milenar de recolha – manutenção (o que, acrescente-se, também aconteceu entre chineses e japoneses, etc.), mas a circunstância vai ter de se amplificar e de mudar muito, por causa do contacto com os Novos Mundos.

As distâncias oceânicas concorreram para aumentar o campo de possibilidade de coisas nunca vistas. Concorreram igualmente para trazer para cá realidades novas, uma multidão daquilo a que o ouvido não estava habituado, ou seja, o «ex – ótico».

Curiosidades eram chamadas.

Enchiam escaparates, estojos e caixas nas salas ou nos *salons*. Eram os Gabinetes de Curiosidades.

Foram criados e organizados por pretensões estético – culturais, com algum pó de snobismo. Muitos dos armários e estantes pareciam de boticas e de bibliotecas. Às vezes eram mais sofisticados, mas nem sempre isso acontecia.

Por certos aspectos da sua natureza, o Gabinete de História Natural encontra a botica, parente da bodega e do botequim, pelos «espíritos» em que banham as suas águas.

A botica é o espaço onde é praticada a ciência&arte do medicamento, produto para curar uma qualquer perturbação na saúde, desarmonia de humores, como queriam os hipocráticos.

Diferentemente dos casos anteriores, este lugar é também loja, para venda e para compra. Como os médicos, os boticários têm os seus clientes, os pacientes. Semelhantemente às oficinas de ferreiros e de ferradores, e aos laboratórios de alquimistas e de químicos: macerar de simples dentro de almofarizes, decantar licores benfazejos. Aqui todos sujam as mãos. Facto sobejamente discriminatório, porque alimenta desequilíbrios da elite *versus* povo e da universidade *versus* artes e ofícios.

Na verdade, o imperativo do saber – fazer, não só introduz um sistema de relações com efeitos no saber – poder, como acarreta fortes consequências sociais para os seus praticantes. Como acontece com os médicos contra os cirurgiões.

A manipulação precisa de receitas (a que as ciências chamam protocolos, na sua experimentação). A medida tem de ser cuidada, nem muito demasiado,

nem demasiado pouco. O sistema racionalista impõe-lhe normas. Além disso, é preciso agir segundo códigos corporativos.

Saber – fazer para saber – curar

Mantidas por práticas e saberes tradicionais, as mesclas, misturas, miscelâneas construíram, durante muito tempo, um tipo de conhecimento a que se vieram opor as análises e as sínteses modernas, progressivamente. As narrativas museográficas alteram-se, na medida mesma em que se vão alterando as estruturas onde se inserem.

No primeiro conjunto, tendências fortemente vinculadas a um optimismo centrado nas capacidades e virtudes da euforia humanista, em torno do encantamento pela capacidade criativa, da projecção artística à curiosidade científica. Ambiência que se faz acompanhar por um clima financeiro muito favorável, ao servir um surto de mecenatos, onde a riqueza das Repúblicas Italianas assume um papel relevante.

No segundo conjunto, processos antropocêntricos fascinados pelo empirismo e pelo racionalismo, orientado pelas descobertas sobre as capacidades sensoriais ou dinamizado pelo poder contratual e homogeneizante dos princípios da razão, respectivamente. Ali, critérios de diferenciação que entram mais em conta com as características individuais. Aqui, critérios de universalização que reduzem as marcas específicas.

GABINETES DE CURIOSIDADES E GABINETES DE HISTÓRIA NATURAL

A tendência para coligar e para manter conjuntos de objectos em torno de um tema é qualquer coisa que se diria ligada a uma carga imediatista, facilitada por uma tendência espontânea.

Na verdade, seja por afecto estético, seja por saber mais consolidado, começam-se a compilar exemplares remissíveis a um universo, que baliza entre uma comunidade de semelhanças com sinais de diferença.

Na Europa, esta tendência individualizada teve um surto especial num momento bem preciso: por um lado, através do gosto requintado associado à riqueza artística do Renascimento; e, por outro lado, através da moda de espécimes exóticos, multiplicadores de uma Natureza cheia de surpresas, chegados pelos Descobrimentos. Intercâmbio que começa com colheitas gananciosas, roubos desmesurados e pilhagens sem escrúpulos, entre impérios e colónias.

Facto que o associa ao mecenato, com maior incidência na viragem que vai ocorrer por via das tendências humanistas – renascentistas, como também por força do conhecimento à procura de si mesmo, por via do empirismo – racionalismo.

Historicamente é aí mesmo que foram definidas duas grandes áreas do coleccionismo: a área da História de Arte e a área da História Natural. Neste particular, são áreas indissociáveis, porquanto ambas estavam unidas em espaços especiais: os Gabinetes de Curiosidades. Fascinantes, eram eles, pela mistura, um tanto indisciplinada e pouco organizada, de quadros, conchas, armas, relíquias, estatuetas, aparelhos, etc..

Mistura? Talvez para nós, pelo que o uso desta palavra pode ser traiçoeiro, se for entendido com tom depreciativo; de facto, corresponde a aproximações que se fazem com grande pertinência e prazer, antes da influência que a nomenclatura e a classificação científicas lhes vai impor muito proximamente.

Indisciplinada e desorganizada? Só à distância, mas não para eles, seguramente, que ainda saboreavam o conhecimento sem o espartilho das disciplinas.

A disposição articulada – em paredes, em prateleiras e em mesas – insere uma forma de viver e de pensar que privilegia a novidade do formato, a raridade da cor, a utilidade da técnica ou a excentricidade do volume. Em suma, tudo aquilo que o gosto (saber e sabor) da época considera digno de ser identificado com curiosidade(s): porque é uma curiosidade (cosmológico, tecnológico) e porque desperta a curiosidade (psicológico).

Como consequência, mas com mudanças obviamente, o mundo das colecções produzido pelas ciências modernas comporta conjuntos, de muita e variada origem, reunidos com intuítos de recolha, de manutenção e de conservação. Para isso, estes gestos fazem nascer espaços concretos, cujo início está intimamente ligado a descontinuidades epistemológicas, consignadas em termos de objectos e de perspectivas, no estudo. São eles: Observatórios Astronómicos, Gabinetes de Física, Laboratórios de Química, Gabinetes de História Natural, Jardins Botânicos.

Algumas das atitudes estavam marcadas por uma tradição longínqua movida pelo desejo de guardar, as quais comportavam dinâmicas várias e demonstravam capacidade para desbloquear sequências anteriores, com relevo para a dualidade do ouvir – ler, pelo que a transmissão do conhecimento se fazia entre quem lia e quem ouvia, do pregador ao fiel numa catedral, do lente ao aluno na cátedra universitária.

O sistema propiciado pelo olhar – ver, inerente à descoberta daquilo que «os mares nunca dantes navegados» ofereciam pela primeira vez, como

horizonte de possíveis, criou espantos, choques e perplexidades que tiveram de ser assimilados de vagar, e nem sempre com a qualidade na resposta merecida.

Por superação progressiva do paradigma anterior, as ciências introduziram o observar – experimentar – comparar, nunca por demais relevados, e com elas bases para a inovação, dinamizada pelo mundo teórico – experimental.

Com efeito, as metodologias e as atitudes emergentes exigiam espacialidades novas, destinadas a novos hábitos de trabalho, como determinavam lugares próprios, entenda-se novo equipamento. Os quais vêm ocupar uma posição concreta, geradora de processos que acrescentam impulsos inovadores ao coleccionismo.

Em sentido lato, o equipamento científico comporta objectos distribuídos por um grande leque de significados – animal embalsamado ou pipeta, planta de herbário ou telescópio, mineral ou balança –, mas diferentemente do que acontecia em períodos anteriores, as opções que os delimitam (apesar destes não serem frequentemente destituídos de beleza, longe disso), fazem prevalecer o critério de uso sobre o critério estético.

Quer isto dizer que se estas colecções podem manter a capacidade de motivar impressões de beleza, não o fazem, contudo, ao mesmo título que as curiosidades anteriores.

Na verdade, nos Gabinetes de Curiosidades, cada presença individualizada era-o por ser bela ou por ser útil. Agora a marca de utilidade – para o prosseguimento de uma observação, para a elaboração de uma hipótese de trabalho, para testar uma teoria – impõe-se sobre tudo o mais.

Além disso, fizeram pasmar até os espíritos mais superficiais. Mas também acicataram outros, despertando quem olha e quer mexer, virar de frente para trás, cheirar, apalpar. Por isso, começaram a ser necessárias bancadas, pinças e lupas mais potentes. Em suma, começaram a construir-se lugares cientificamente mais operacionais.

Assim sendo, os Gabinetes de História Natural estão a nascer. A partir de então, há que aumentar o tamanho e a consistência das reservas operativas para acumular, guardar, preservar. Reservas operativas, é a expressão correcta, porque elas têm de adquirir maior quantidade e qualidade, do manuseamento à utilidade.

Com os Museus de História Natural aparecem preocupações associadas ao método: a atitude de guardar passa a ser precedida por uma colecta cuidada e a ser seguida por uma colecção, melhor preparada e mais sistematizada.

Saber – colectar para saber – coleccionar.

As Academias, conscientes do dever que lhes cabe a tal respeito, normalizam a sequência dos momentos e processos.

SISTEMAS EPISTÉMICOS

Gabinetes, Boticas e Bibliotecas o que têm em comum? Têm em comum serem divisões onde grande parte da superfície das suas paredes está escondida por detrás de armários, a presença frequente de varandins, subterfúgio para solucionar problemas de armazenamento, uma ambiência envolvida por um ar de reserva – responderá o olhar furtivo e muito superficial.

Embora o processo que vai reduzir a manipulação e tornar dominante a farmácia química esteja longe...

... embora o processo que constitui as bibliotecas especializadas só aconteça numa época posterior

... o que Gabinetes, Boticas e Bibliotecas têm em comum

... é corresponderem a espaços privilegiados para a prática do conhecimento.

Além disso, em qualquer destes três espaços ocorreram mudanças substanciais no dealbar da modernidade científica...

... mudanças que não aconteceram ao mesmo tempo

... mas que foram emergindo, segundo as configurações epistémicas que fizeram deles materialidades produzidas pelas culturas pré-modernas ou pelas ciências modernas.